



Mais uma face do dilema da humanidade: socialismo ou catástrofe ambiental

GILBERTO MARQUES¹ e INDIRA ROCHA MARQUES²

A cada dia, aproximadamente 25 espécies desaparecem da Terra. Isso não é observado com facilidade por se tratarem de plantas e insetos. Contudo, o espectro da extinção ronda também corais, florestas, leões, onças, pandas, baleias, macacos, rinocerontes, peixes e aves diversas. Ondas de desaparecimento já ocorreram anteriormente. A mais conhecida foi a que envolveu a extinção dos dinossauros. A diferença é que o caso atual decorre fundamentalmente da ação humana. Segundo o relatório da União Mundial de Conservação, uma em cada três espécies de anfíbios corre o risco de extinção. Para os mamíferos, a proporção é de uma a cada quatro, uma em cada oito espécies de pássaros e 70% das plantas estão nesta situação. Essa realidade já levou o relatório de 2001 do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP) a concluir que “*a humanidade vem saqueando a terra*”.

Para o Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas da ONU (IPCC, sigla em inglês), a temperatura média na Terra até o fim do século atual deve subir entre 1,8°C e 4°C, colocando em risco a vida no planeta. Segundo este órgão, a elevação da temperatura terrestre em 5°C poderia fazer a Floresta Amazônica reduzir-se em mais de 50%. As emissões de gás carbônico (CO₂) são a principal causa do aquecimento global.

A região que mais tem sofrido com o aquecimento é o Ártico, que vem derretendo a uma velocidade muito acima da normal, ameaçando a existência

1 Militante do PSTU, doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ) e professor da UFPA.

2 Doutora em geografia pela UFRJ.

Pontos de vista

de esquimós, ursos polares e outras espécies. Informações dos submarinos nucleares dos EUA apontam que a quantidade de gelo (em extensão e espessura) nesta região diminuiu 42% entre 1958 e 1997. A diminuição do gelo no Ártico já fez desaparecer uma grande banquisa que se formava no mar da Groelândia.

O mesmo acontece com as geleiras formadas nas cordilheiras (cadeias de montanhas) do planeta. Uma pesquisa feita em 30 geleiras de nove cordilheiras do mundo demonstrou que entre 2004 e 2006 a média de derretimento mais que dobrou. Na Antártida, um bloco de gelo de 400 km² está desprendendo-se da plataforma de Wilkins. Isso indica que esta plataforma de 13 mil km² está desaparecendo. O derretimento do gelo do planeta implicará na elevação dos oceanos e no avanço destes sobre os continentes, destruindo comunidades e cidades localizadas nas áreas litorâneas mais baixas.

A proposta de desenvolvimento sustentável

Desde o final dos anos 1960 abriu-se uma forte discussão sobre a problemática ambiental e as medidas para sua solução. O relatório do Clube de Roma e a Conferência de Estocolmo (Suécia) promovida pela ONU, ambos de 1972, defenderam que se deveria limitar o crescimento econômico como forma de reduzir a degradação ambiental. Aos países industrializados, isso significava manter sua condição de nações economicamente dominantes. Os países subdesenvolvidos foram contrários porque queriam incrementar seu crescimento econômico e industrializar-se. Entre outras coisas, o que estava em questão era o direito ou não de uma nação explorar seus recursos de acordo com seus objetivos.

Em 1973, o diretor de meio ambiente das Nações Unidas, Maurice Strong, apresentou o conceito de ecodesenvolvimento que subsidiou a elaboração das propostas de desenvolvimento sustentável: crescimento econômico com preservação ambiental e solidariedade entre os países. Aos poucos, esta noção de desenvolvimento sustentável foi originando diversas interpretações, que em geral acreditam ser possível construir um modelo de desenvolvimento capitalista que respeite o meio ambiente. Este seria seguido por ricos e pobres, multinacionais e os diversos governos.

Outros encontros mundiais foram realizados, como o Eco 92 no Rio de Janeiro, e documentos assinados: o relatório de Brundtland da Comissão Mundial para o Meio Ambiente (Programa da ONU para o Meio Ambiente, 1987) e o Protocolo de Kyoto (1997) para redução da emissão de gases poluentes. Propostas reformistas, insuficientes para resolver o desequilíbrio ecológico mundial. Kyoto sequer foi aceito pelos Estados Unidos, nação responsável por grande parte da devastação e aquecimento global. O próximo grande encontro será a Conferência Mundial sobre Mudanças Climáticas a realizar-se em dezembro de 2009, na Dinamarca, e terá como principal objetivo firmar um acordo internacional que substitua o Protocolo de Kyoto, que expirará em 2012.

Uma das propostas que se desenvolveu nestes eventos e documentos foi a da compensação ambiental, através da qual uma empresa ou país compensaria a degradação provocada ao meio ambiente com um investimento em outra área. Isso originou o mercado dos créditos de carbono, certificados que se recebem quando se comprova a redução da emissão de gases provocadores

do efeito estufa. Países e indústrias poluidoras podem continuar a poluir e, como compensação, compram os créditos de carbono, ou seja, criou-se mais uma fonte de lucro em torno à questão ambiental.

A crise social e os interesses econômicos

Em junho de 2001 ocorreu um incêndio no centro de abastecimento alimentar (Ceasa), na periferia do Rio de Janeiro. O incêndio repetiu-se outras vezes. O comum neles foi o fato de a população (aproximadamente 2 mil pessoas) invadir o local ainda com as chamas acesas para brigar por restos de comida entre fogo e cinzas. Citamos este caso para afirmar que a problemática ambiental não está dissociada do homem e da crise social produzida pelo capitalismo. Não nos satisfaz fazer a defesa da preservação pela preservação. O apelo pela proteção de uma espécie vegetal ou animal perde o sentido se não tomarmos como central a necessidade da solidariedade para com os trabalhadores miseráveis que se alastram pelo mundo.

Mais de dois bilhões de pessoas moram em favelas, três bilhões vivem na pobreza. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), menos da metade da população mundial tem acesso a esgoto sanitário e água potável e até 2030, cinco bilhões de pessoas - 67% da população mundial - estarão sem esgoto. O resultado é a permanência das enfermidades e mortes: 80% das doenças em países subdesenvolvidos relacionam-se à qualidade da água, o que provoca 3 milhões de morte diariamente.

Em nosso planeta, 75% da superfície é coberta por água, mas 97% das águas são salgadas. Dos 3% de água doce, a grande maioria encontra-se em calotas polares, geleiras e lençóis subterrâneos. As águas doces de fácil acesso, localizadas em rios e lagos, principal fonte de abastecimento da população humana, representam apenas 0,007% das águas mundiais. Para a ONU, o acesso à água será o motivo principal dos conflitos armados nos próximos 25 anos.

De acordo com o 3º Relatório da ONU sobre as águas (2009), a agricultura consome 70% do uso dos recursos hídricos do mundo. Evidentemente que isso refere-se, antes de tudo, à grande produção, já que o pequeno agricultor depende quase que exclusivamente do regime das chuvas. Ademais, a produção de 1 kg de carne pode exigir até 4 mil litros de água.

Mas a crise dos recursos naturais e, particularmente dos hídricos, não atinge a todos igualmente. Na África, a média de consumo diário de água fica entre 10 a 15 litros. Este número cresce para 2 mil litros em Nova Iorque. Para Paulo Nogueira Neto, ex-secretário nacional do meio ambiente do Brasil, faltaria energia e alimentação se o padrão de consumo dos EUA fosse estendido aos 7 bilhões de habitantes do planeta. Segundo o relatório da ONG WWF (2008), se o mundo mantiver o atual nível de consumo e degradação ambiental, os recursos naturais do planeta entrarão em colapso a partir de 2030.

Cada vez mais os recursos naturais e o próprio meio ambiente são afetados pelos interesses econômicos capitalistas e, principalmente, imperialistas. A guerra contra o Iraque teve como motivação principal o controle das fontes de petróleo do Oriente Médio pelos EUA. Groelândia, Rússia e Canadá já elaboraram planos para aproveitar economicamente as rotas de navegação que serão abertas com o derretimento do gelo do Ártico. A burguesia russa

Pontos de vista

pretende ganhar bilhões de dólares controlando o trecho que encurtará em milhares de quilômetros a viagem entre Japão e Europa.

O resultado do excessivo domínio da economia capitalista sobre a natureza é o aceleramento das catástrofes ambientais. Em 2008, um terremoto na província chinesa de Sichuan matou aproximadamente 80 mil pessoas. Para Fan Xiao, engenheiro-chefe do Serviço de Mineração e Geologia dessa província, o terremoto foi apressado e intensificado pela construção da represa de Zipingpu, que gerou um peso de 315 milhões de toneladas de água represada justamente na região de uma falha geológica (áreas em que ocorrem os terremotos).

A lógica da produção capitalista e a degradação da natureza

As conferências e protocolos têm se mostrado insuficientes. Segundo a revista *Proceedings of the National Academy of Science*, entre 2000 e 2004 a produção de CO₂ triplicou quando comparada aos anos anteriores. Para compreendermos o fracasso das proposições de desenvolvimento sustentável e dos encontros e documentos internacionais, precisamos entender a lógica da produção capitalista, cujo resultado gera um polo de riqueza para alguns e outro de miséria para a grande maioria, tal qual demonstrou Marx em *O Capital*³. Com o aumento da miséria a população mais pobre tem de ocupar áreas impróprias para a sobrevivência humana: lagos, encostas de morros etc.

E, para aumentar seus lucros, a burguesia tem de aumentar acentuadamente sua produção e fazer com que as pessoas consumam cada dia mais. Nas relações internacionais, isso significa feroz disputa por mercados, fontes de matérias-primas e energia, o que repetidas vezes produz conflitos armados. A corrida intransigente pelo lucro leva a uma universalização acelerada das necessidades, que se traduz em consumo crescente e apropriação intensa da natureza, reduzindo a disponibilidade de recursos naturais, fontes de energia, água e espécies animais e vegetais. Com isso, os ecossistemas ficam mais homogêneos, perdendo sua riqueza e complexidade. Perdem, por conseguinte, capacidade de proteção e auto-recomposição.

Em síntese, o consumo exacerbado, impulsionado pela necessidade de acumulação capitalista, faz com que a velocidade da produção supere em muito o ritmo de recomposição da natureza. Esta diferença gera os problemas ambientais no capitalismo contemporâneo. A natureza é colocada em oposição ao homem, cabendo a este tão somente apropriar-se dela de forma conflituosa. Assim, não é a humanidade que está saqueando a natureza, mas é a burguesia que saqueia o meio ambiente e seu principal componente, o trabalhador. É por isso que 862 milhões de pessoas passam fome constantemente, sendo que em situações de crise os famintos chegam a dois bilhões. Tal qual os animais e plantas, a vida humana está em risco. Comunidades inteiras vivem à beira da extinção: índios, esquimós, tribos africanas, comunidades tradicionais, etc.

Seguindo a lógica do lucro e diante do apelo ambiental que envolve um grande número de pessoas, diversas empresas e bancos adotam o discurso do desenvolvimento sustentável e até realizam algumas ações de proteção ambiental, para o qual contam com o apoio de centenas de ONGs. A questão é que fazem isso buscando consumidores que têm a preocupação de preservar a natureza.

3 Leia o artigo *A crise financeira mundial* (partes 1 e 2), de Alejandro Iturbe, no número 20 da *Marxismo Vivo* e nesta edição, para ter uma compreensão mais ampla da exploração e acumulação capitalistas.

Os investimentos nessas ações são insignificantes perto do capital das empresas, demonstrando que não passam de campanhas de *marketing*. Outras, usando o discurso da responsabilidade ambiental, contratam populações tradicionais para coletar produtos das florestas que servem de matérias-primas para suas mercadorias. Pagam um preço irrisório e ganham muito ao transformá-los em cosméticos, remédios etc. O exemplo mais acabado da diferença entre discurso e prática é o caso dos bancos que, ao mesmo tempo em que fazem propaganda ambiental, financiam projetos agropecuários que avançam sobre as florestas e recursos minerais e hídricos.



Destruição da Amazônia para plantação de soja

Amazônia, desenvolvimento sustentável e capitalismo

No Brasil, 93% da Mata Atlântica já foi devastada e 80% do bioma do cerrado está alterado pela atividade humana. Uma área maior que a França já foi derrubada na Amazônia, o que leva alguns cientistas a afirmar que a floresta pode desaparecer em 30 ou 40 anos. O relatório do Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter) constatou que entre novembro de 2008 e janeiro de 2009, 754 km² foram desmatados, área equivalente à metade do município de São Paulo. Frente à redução da floresta, Al Gore, ex-vice-presidente dos EUA, afirmou que, “*ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia pertence a todos nós*”. Já o jornal britânico *The Independent* escreveu que “*a Amazônia é muito importante para ser deixada com os brasileiros*”. O que está por trás dessas declarações não é a preocupação com a Amazônia, mas o interesse em seus recursos naturais.

As atividades que mais desmatam são aquelas relacionadas com pecuária, soja e extração de madeira. Em São Félix do Xingu, Sul do Pará, havia 30 mil cabeças de gado em 1997. Em 2007, esse rebanho saltou para 1,7 milhão de bois. O aumento das exportações de soja, estimulado pelo governo brasileiro, tem produzido uma corrida por novas terras, de modo que o agronegócio avança do Mato Grosso para o Pará e Rondônia, particularmente no sentido da BR-163 (Santarém-Cuiabá). O resultado é a derrubada da floresta e o desaparecimento de comunidades de moradores nativos que ficavam nessa região. Qual o destino dessa produção? O gado amazônico, além de abastecer o mercado regional, é vendido para o Sul-Sudeste do Brasil e para o exterior. A soja plantada no norte do Mato Grosso e no sul do Pará serve de ração para o gado europeu. Os países ditos “ecologicamente corretos” criam seus gados confinados porque são alimentados com a soja que derruba as árvores da Amazônia.

As grandes multinacionais da mineração estão explorando em ritmo assustador as imensas reservas minerais da região e os principais laboratórios farmacêuticos mundiais extraem sua biodiversidade para produzir seus produtos. Enquanto o presidente Lula faz discursos “críticos” sobre a

Pontos de vista

devastação, seu governo continua apoiando financeiramente o agronegócio e as multinacionais mineradoras.

A crise econômica mundial aprofunda a crise ambiental

A fome mata mais de 25 mil pessoas por dia no mundo. Para a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), US\$ 30 bilhões anuais seria o investimento necessário para evitar conflitos futuros em torno de alimentos. Isso levaria alimentos a quase 900 milhões de pessoas. Em 2009, com a crise econômica os famintos superarão um bilhão de pessoas.

A *União Internacional para a Conservação da Natureza* afirma que US\$ 1,3 trilhão seria suficiente para proteger os mais importantes ecossistemas mundiais pelos próximos 30 anos. A Comissão Europeia e o governo da Alemanha encomendaram um estudo que concluiu pela necessidade de um investimento anual de US\$ 45 bilhões para proteger os principais rios, mares, montanhas e florestas do planeta. Os pesquisadores que o realizaram também estimaram que a redução das florestas gera um custo anual de 2 a 5 trilhões de dólares por ano, por diminuir a oferta de água limpa e a absorção de CO₂.

Segundo o relatório da Agência Internacional de Energia, para que se reduzam à metade as emissões mundiais do gás carbônico faz-se necessário investir US\$ 45 trilhões até 2050, ou seja, US\$ 1,1 trilhão por ano. Para a organização Clean Energy todo o carvão e petróleo usados na geração de energia elétrica poderiam ser substituídos por gás natural e fontes de energia renovável a um custo total de US\$ 4,4 trilhões distribuídos em 22 anos. O custo é alto, mas bastante inferior à soma que está sendo injetada nos bancos e empresas por conta da recessão mundial.

No momento em que a atual crise econômica explodiu (outubro de 2008), a organização internacional WaterAid estimou que o abastecimento de água potável e o saneamento básico para 2,5 bilhões de pessoas exigiria um investimento de US\$ 55,7 bilhões, um valor equivalente ao injetado pelo governo britânico em três bancos (Royal Bank of Scotland, HBOS e Lloyds) em apenas um dia, 13 de outubro. “Não há dinheiro para enfrentar a crise ambiental”, é o que dizem os governos imperialistas. Mas somente na semana de 12 a 18 de outubro de 2008 eles injetaram US\$ 4 trilhões para salvar empresas e bancos. A crise econômica mundial desnudou ainda mais o modo de produção capitalista.

Com a crise da economia mundial, as perspectivas sobre o meio ambiente tornam-se mais sombrias. O governo italiano de Silvio Berlusconi, apoiado pela Confederação das Indústrias Italianas (Confindustria), ameaça vetar o plano europeu de ação contra o aquecimento global. Para este governo, os recursos devem destinar-se a responder à crise econômica. Essa é a posição mais explícita. Os demais países fazem discursos sobre preocupação ambiental, mas nos próximos eventos internacionais devem limitar suas metas de investimento ambiental e de redução da poluição. Quem garante que os países que se comprometeram a fornecer US\$ 6,1 bilhões para um Fundo de Investimentos Climáticos do Banco Mundial irão cumprir a promessa?

Para piorar, com a queda dos preços do petróleo, governos e empresas podem abandonar os investimentos em fontes de energia menos poluentes e

aumentar o consumo petrolífero, impulsionando ainda mais o aquecimento do planeta.

Socialismo e meio ambiente

O padrão das sociedades industriais imperialistas, seu consumo e sua produção destroem a multiplicidade das espécies, fazendo com que o ambiente natural, ao se tornar mais uniforme e menos articulado, fique mais sensível aos choques externos, o que pode fazer desaparecer todo o sistema.

Não basta defender a preservação sem ter claro que as questões ambientais só podem ser verdadeiramente compreendidas no plano da luta de classes e antiimperialista. Os ecologistas que não compreendem - ou não o querem fazer - o mundo capitalista, desenvolvem suas propostas apelando à redução do consumo nos países ricos. Buscam “tecnologias limpas”, sem discutir quem controla as tecnologias e os meios de produção. Para eles, o problema estaria na tecnologia e não em sua propriedade privada. Por isso mesmo, financiam seus movimentos ambientalistas com recursos de burgueses “conscientes”. Por fim, acabam transformando as vítimas em culpados: a população miserável e os países subdesenvolvidos estariam saqueando a terra, quando na verdade eles é que estão sendo saqueados.

Se há algo verdadeiramente globalizado é a problemática ambiental. Partículas poluidoras do ar de Los Angeles foram rastreadas e descobriu-se serem originárias da China. Uma ação nos EUA pode interferir na dinâmica das chuvas e do clima na Amazônia ou na África. Uma parte considerável do petróleo que abastece os EUA é produzida na região amazônica. A Venezuela está entre seus principais fornecedores, de modo que o grande consumo de energia norte-americano tem uma de suas origens na floresta tropical sulamericana. Aproximadamente 90% das vítimas de catástrofes ambientais vivem em países subdesenvolvidos. Estes desastres estão cada vez mais relacionados com a produção do lucro capitalista, dominado pelas nações imperialistas.

O capitalismo já provou que é insustentável econômica, social e ambientalmente e que reformas parciais são totalmente insuficientes do ponto de vista ambiental. A catástrofe do meio ambiente não será detida por propostas de um “capitalismo ecológico”, com rosto humano. O sistema não pode superar a crise que provocou, pois isso significaria colocar limites à acumulação capitalista. É preciso travar uma luta sem tréguas contra o capital e as nações imperialistas. Para deter a destruição ecológica, faz-se necessário construir um programa socialista de defesa do meio ambiente.

O dilema entre socialismo ou barbárie vale também para a problemática ambiental. O fim da exploração irracional dos recursos do planeta só pode ser alcançado por um mundo socialista, baseado na propriedade social dos meios de produção e no planejamento econômico que garanta a racionalização da exploração dos recursos do planeta. A revolução socialista não é nossa única possibilidade, mas é a única chance de salvar a vida humana e o meio ambiente. Mais do que isso: a mundialização da problemática ambiental exige uma resposta à altura: revolução socialista mundial, para que o capitalismo deixe de ameaçar o meio ambiente e a vida humana em qualquer parte do planeta.